

POLÍTICA E CULTURA DIGITAL: POTENCIALIDADES DO CROWDSOURCING NO ÂMBITO DO WEBJORNALISMO

ADRIANA TENÓRIO CORDEIRO
Universidade de Pernambuco
Caruaru, Pernambuco, Brasil
e-mail: adriana.cordeiro@upe.br

PAULA GONÇALVES DA SILVA
Universidade de Pernambuco
Caruaru, Pernambuco, Brasil
e-mail: paulaemcena@gmail.com

SÉRGIO CARVALHO BENÍCIO DE MELLO
Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco, Brasil
e-mail: sergio.mello@ufpe.br

YASMIN SILVA GOMES
Universidade de Pernambuco
Caruaru, Pernambuco, Brasil
e-mail: yasminsilva_gomes@hotmail.com

POLÍTICA E CULTURA DIGITAL: POTENCIALIDADES DO CROWDSOURCING NO ÂMBITO DO WEBJORNALISMO

Resumo: No terreno da cultura livre, uma lógica pós-massiva se associa à maior autonomia comunicativa da web 2.0, com novos conteúdos sendo postos em debate, podendo gerar contribuições para ampliação do pensamento crítico e busca de alternativas políticas. Da lógica de *crowdsourcing* fomentada por blogs coletivos, discutimos como esse espaço apresenta demandas, e como se dá a participação e colaboração do sujeito no webjornalismo.

Palavras chave: crowdsourcing; comunicação compartilhada; webjornalismo.

POLÍTICA Y CULTURA DIGITAL: POTENCIALIDADES DEL CROWDSOURCING EN EL ÁMBITO DEL WEBPERIODISMO

Resumen: En el campo de la cultura libre, una lógica postmasiva asociase a la mayor autonomía comunicativa de la web 2.0, donde nuevos contenidos se ponen al debate, pudiendose generar contribuciones para la ampliación del pensamiento crítico y de la búsqueda por alternativas políticas. Desde la lógica del *crowdsourcing* fomentada por los *blogs* coletivos, hablamos de como ese espacio presenta demandas y de cómo se dá la participación y colaboración del sujeto en el webperiodismo.

Palabras clave: crowdsourcing, comunicación compartida, webperiodismo.

POLITICS AND DIGITAL CULTURE: POTENTIALITIES OF CROWDSOURCING IN THE CONTEXT OF WEB JOURNALISM

Abstract: In the field of free culture, post-massive logics is associated with greater communicative autonomy of web 2.0, and new contents are put into discussion, so contributions can be generated in terms of expansion of critical thinking and search for political alternatives. From crowdsourcing logics fostered by collective blogs, we discuss how this space presents demands, and how the participation and collaboration of the subject occurs in web journalism.

Keywords: crowdsourcing; shared communication; webjournalism.

1 INTRODUÇÃO

Sobretudo em função das possibilidades criadas pelos avanços tecnológicos, como a *internet* e as redes móveis, destacam-se novas ideias como comunicação compartilhada, inteligência coletiva, fim da passividade do receptor, direito à intercomunicação (MARTINS, 2007), e ampliam-se indagações acerca de seus efeitos socioculturais mais amplos.

Os avanços nos sistemas de comunicação compartilhada coincidem com um mal estar diante das configurações atuais do sistema capitalista. Ao mesmo tempo em que os sistemas contemporâneos de comunicação compartilhada geram novas possibilidades, como a configuração de novas formas políticas em um momento em que a democracia formal e tradicional está particularmente em crise, também revelam novos desafios, como aqueles ligados à produção de símbolos em um contexto de mercado (BOON, 2010). Aí estão incluídas questões sobre inclusão digital, propriedade intelectual, direitos culturais, remuneração do trabalho de produtores de conteúdo cultural, novos modelos de negócios, aspectos ideológicos das alternativas de economia criativa, bem como a interdependência das esferas técnicas, políticas e culturais presentes, por exemplo, entre os agentes das comunidades de *software* livre (MURILLO, 2009).

O discurso da cultura livre, que reúne hoje as subculturas que formam uma agenda “quase política” em torno da livre reprodução de arquivos digitais, nem sempre reconhece o capitalismo cognitivo como um cenário conflituoso e competitivo (PASQUINELLI, 2008). Lessig (2005) explica que a *internet* causou uma mudança importante (ainda não bem reconhecida) na maneira como a cultura é produzida, um efeito que extrapola as mudanças técnicas que recaem sobre a vida cotidiana. A *internet* vai ressignificar uma forte tradição no âmbito das distinções entre cultura comercial e não comercial, e como a lei regulamenta cada uma. Lessig argumenta que em quase toda nossa tradição, a cultura não-comercial era essencialmente não-regulada, isto é, a lei não se preocupava diretamente com a criação ou difusão desse tipo de cultura e a deixou livre: “a maneira cotidiana de os indivíduos partilharem e transformarem sua cultura – contando histórias, representando cenas de obras teatrais ou da TV, participando de fãs-clubes, compartilhando música, gravando fitas – era ignorada pela lei” (2005, p. 35). A lei se concentrou na criatividade comercial, protegendo incentivos de criadores ao garantir direitos exclusivos sobre a produção, vi-

sando à venda desses diretos no mercado comercial. A *internet* tem apagado a distinção entre o livre e o controlado e, pressionada por grandes empresas de comunicação, a lei a afeta (de forma inédita) por meio do controle de parcela significativa de cultura e criatividade. A crítica não é quanto ao protecionismo pretendido (aquele voltado a proteger os artistas), mas àquele criado para proteger certos tipos de negócios.

Ao investigarmos campo de disputas em torno de uma cultura livre, pretendemos contribuir para a compreensão do valor político dos sistemas de comunicação partilhada. No caso do webjornalismo participativo ou colaborativo, a *internet* permitiria o rompimento do modelo tradicional de jornalismo ‘um para todos’, para construção colaborativa do ‘todos para todos’ (FONSECA; LINDEMANN, 2007). Neste artigo, discutimos a partir do processo de *crowdsourcing*, o modo como os blog coletivos apresentam suas demandas e como se dá a participação e colaboração nesse processo. Investigamos o caso do blog coletivo do site ‘Outras Palavras – Comunicação compartilhada e Pós-capitalismo’. O Outras Palavras foi lançado em 2009 pela equipe que fundou o *Le Monde Diplomatique Brasil*; desde 2010 mantém o Ponto de Cultura (Ministério da Cultura) ‘Escola Livre de Comunicação Compartilhada’, tendo promovido oficinas voltadas às mídias livres, e uso da *internet* como ferramenta de pesquisa jornalística, além de produção de documentários.

A partir da lógica de *crowdsourcing* fomentada pelo blog coletivo do Outras Palavras, discutimos como esse espaço tem apresentado suas demandas, as diferentes formas de reação do sujeito às informações, bem como a iniciativa deste na produção de novos conteúdos.

2 CIBERCULTURA, MULTIDÕES ‘INTELIGENTES’ E CROWDSOURCING

O controle da informação e da comunicação foi sempre reconhecido como uma forma fundamental de exercício do poder, sendo que a política se transformou, hoje, em algo midiático uma vez que o que ‘não existe’ nos meios não chega aos cidadãos, portanto parece ‘não existir’ (CASTELLS, 2006; 2011). Na medida em que há uma mudança organizativa e tecnológica no entorno da comunicação, os processos de comunicação mudam e, como consequência, as relações de poder. A mudança fundamental observada nos últimos anos é a pas-

sagem de um sistema dominado pela comunicação de massas (e centrado nos meios de comunicação de massas) para um sistema que Castells (2011) chama de auto comunicação de massas (*mass self communication*), através da *internet*.

Problematizamos que atualmente a luta hegemônica tem o campo das comunicações como espaço importante de sua constituição. Ainda são as mídias tradicionais que procuram configurá-la, mas o papel da cibercultura (LÉVY, 1999) cresce significativamente nesse processo (BRITTO, 2009). Martins (2007) chega a afirmar uma mudança paradigmática ligada ao enfraquecimento do ‘oligopólio’ das narrativas e discursos. Trata-se de uma nova forma de comunicação em massa, mas produzida, recebida e experienciada individualmente.

Toffler (1995) já havia apontado para a ideia do prosumidor (*prosumer*) como aquele consumidor que assume também o caráter de produtor, isto é, não apenas recebe passivamente os enunciados, mas também os produz. Apoiado pelos sistemas de comunicação compartilhada, o prosumidor deixaria de ser mero receptor, para reagir às informações e produzir novo conteúdo. Essa ideia do consumidor/usuário como produtor de conteúdo também está presente no webjornalismo ou jornalismo participativo na *internet*, uma prática em que “qualquer cidadão pode se tornar repórter, redigindo matérias e/ou enviando fotografias, áudios ou vídeos que são veiculados em sites abrigados na rede mundial de computadores” (FONSECA; LINDEMANN, 2007, p.86).

A liberdade de produção de conteúdo por qualquer usuário recebe críticas quanto à veracidade, qualidade e profundidade do que está sendo colocado na rede. Para Keen (2009), estamos vivendo um período de mediocridade intelectual em que amadores são incentivados a postarem desde comentários políticos mal embasados a romances ilegíveis, enquanto profissionais e veículos de comunicação ditos respeitados perdem cada vez mais espaço. Já Fonseca e Lindemann (2007) destacam que no webjornalismo, a participação pode ser incentivada para descentralizar a emissão, oportunizando que mais sujeitos possam se expressar no espaço público. Isso torna necessária uma redefinição dos papéis dos jornalistas.

Com a ampliação do acesso à rede por meio das mídias móveis (celulares e *tablets*) o potencial de produção e propagação de informações vem aumentando, o que não necessariamente significa qualidade de participação e conteúdo. Para Lemos (2004), estamos vivendo a era da conexão, em que a noção

de mobilidade, espaço e tempo para troca de informações é constantemente modificada. “As pessoas se movimentam em territórios diversos e, junto com elas, a mídia portátil está em todos os lugares constituindo e intermediando fluxos: de informação, de conhecimento, de intercâmbios” (MOREIRA, 2012, p.16). A partir de maior autonomia comunicativa, a crítica é posta em debate e iniciativas de rede virtual podem passar ao espaço urbano.

Em especial, na interação entre os espaços urbano e informacional virtual, gera-se uma dinâmica que pode modificar relações de poder, por meio da influência sobre a mentalidade dos cidadãos (CASTELLS, 2011). Esse potencial de mudança está ligado à ideia de uma inteligência coletiva. Lévy (2004) entende que a coletividade teria mais conhecimento do que o indivíduo e que a inteligência coletiva trata da inteligência distribuída por toda parte, consistentemente avaliada e coordenada em tempo real e com o objetivo de reconhecimento e enriquecimento mútuo das pessoas. Atualmente identificamos uma tendência de se associar a ‘multidão inteligente’ aos recursos disponibilizados pela web 2.0 e, nesse contexto, a coordenação em tempo real da inteligência coletiva e o aproveitamento melhor de seu potencial de criação e mobilização são possíveis com a utilização das ferramentas das TICs.

A ‘multidão’ tem sido estudada pela Sociologia há anos, e abordada desde uma visão de ‘causadora de problemas sociais’ e ‘contraposição à elite’ até a multidão como ‘solucionadora de problemas’ e ‘fonte de inteligência coletiva’. Wexler (2011) identifica três fases na teoria da multidão: na primeira a multidão é vista como irracional e causadoras de problemas; devendo ser controlada pois representa um perigo para ela mesma e para os outros; na segunda fase, a multidão é considerada racional em um contexto de mudanças, incerteza e conflito, composta por diferentes grupos ela se destaca no enfrentamento ao *status quo*, sendo uma importante promotora de mudanças. Mas na fase contemporânea, a multidão tem sido considerada coletivamente inteligente, revelando alto potencial, quando gerenciada, para a resolução de problemas. Para Sousa (2012), a própria concepção de web 2.0 associa-se, de maneira recorrente, aos verbos participar e colaborar, sendo o papel dos usuários primordial para manutenção e desenvolvimento das ferramentas, e a base da dinâmica residindo em *crowdsourcing* e colaboração.

Crowdsourcing pode ser inicialmente compreendido como o uso da mul-

tidão entusiasmada para fornecer soluções a problemas diversos (WEXLER, 2011) ou o ato de direcionar um trabalho que tradicionalmente seria realizado por um agente (geralmente um funcionário) para um grupo amplo geralmente indefinido, de pessoas, na forma de um convite aberto (HOWE, 2009). Numa análise crítica sobre as redes de colaboração, Pasquinelli (2008) destaca que a riqueza das contribuições vem da diversidade dos sujeitos e conflitos e que ainda há pouco questionamento sobre a manutenção ou abandono do comportamento colaborativo dos sujeitos. Cocco (2012, p. 22), por sua vez, aponta o *crowdsourcing* como uma transformação não linear e não determinista do trabalho no capitalismo cognitivo que implica uma dimensão política “em particular no que diz respeito à questão da propriedade, por um lado, e o reconhecimento da dimensão produtiva de todo o tempo de vida que esse tipo de trabalho mobiliza, pelo outro”.

Seja guiado por corporações ou por coletivos, o *crowdsourcing* reconhece a multidão como recurso de conhecimento e inteligência que pode contribuir à resolução de problemas e proposição de novos conteúdos. Neste artigo pretendemos melhor compreender o processo, bem como as peculiaridades do *crowdsourcing*; na próxima seção apresentamos os caminhos metodológico-analíticos que seguimos com este propósito.

3 QUESTÕES METODOLÓGICO-ANALÍTICAS

Realizamos uma pesquisa¹ qualitativa de caráter exploratório, um estudo de caso na perspectiva de Stake (1994). O Blog da Redação (blog coletivo) consiste na ampliação do projeto editorial do site Outras Palavras (OP), um espaço para textos mais breves, para oferecer informações novas e análises alternativas sobre fatos nacionais e internacionais, e em coerência com a proposta de construção de um grupo de colaboradores, uma rede social e oficinas para formação em jornalismo colaborativo. O site oferece e incentiva o *crowdsourcing* por meio de três canais: (1) comentários dos leitores; (2) colaboração regular; e (3) colaboração incentivada (esta com apoio do Ponto de Cultura/MinC).

¹ Agradecemos à FACEPE pela concessão de Bolsa de Incentivo Acadêmico.

Construímos um *corpus* tópico, seguindo recomendações de Sardinha (2000), isto é, seguindo critérios propostos de confiabilidade e validade: exaustividade, homogeneidade, representatividade e pertinência. O *corpus* tópico foi composto por todas as postagens (incluindo matérias) do blog coletivo do OP, delimitando-se o período de 21 de julho de 2011 (primeira postagem do blog) a 17 de dezembro de 2012, quando foi concluída a pesquisa, totalizando 402 postagens.

As postagens foram coletadas com seu conteúdo integral, classificando-se conforme: data, autoria (ou publicador), tipo de material, título, subtítulo, comentários (quantidade), e respectivas respostas do publicador (quantidade). Para auxiliar a análise do conteúdo (BARDIN, 1977) do material empírico, utilizamos na análise qualitativa o *software* NVivo10 (QSR Internacional). Em seguida as postagens (e comentários dos leitores) foram importadas para a plataforma do NVivo10, e foi iniciada a leitura exaustiva do conteúdo publicado, bem como dos comentários dos leitores, elucidando as questões propostas. Utilizamos um mapa de nós (ou nodos) para codificação do conteúdo. Neste artigo focalizamos nossa discussão no período de 02 de janeiro a 17 de dezembro de 2012 (189 postagens).

4 CROWDSOURCING: CHAMADA E INSTRUÇÕES PARA O PÚBLICO

Conforme apontado por Wexler (2011), a primeira fase do *crowdsourcing* consiste no reconhecimento de um problema ou oportunidade que pode ser melhor endereçado se lançado, com as devidas instruções, a um público mais amplo. O potencial do público para a geração de *inputs* é realçado aqui, sendo que o *crowdsourcer* pode então usar alguns de seus recursos e conhecimentos para criar uma multidão potencialmente capaz para a resolução de problemas. Observa-se que o surgimento do site OP se deu pela proposta de articular um jornalismo crítico às oportunidades oferecidas pelo contexto de:

“revolução da web 2.0, das trocas par-a-par [*peer-to-peer*] e da difusão não-mercantil de informação e outros bens culturais (...). A aposta é que tais tendências podem superar a mídia de massas e o controle social exercido por ela, estabelecendo novas relações entre o ser humano e a narrativa do presente” (Ext1-Editor-2011).

No âmbito da prática jornalística, as instruções gerais do *crowdsourcer* (intermediadas pelo Editor) reforçam a importância da construção dos textos a partir do acesso a múltiplas fontes alternativas, como forma de se confrontar as informações com aquilo que é divulgado pela mídia comercial, hegemônica: “o objetivo editorial é claro. A cultura política da autonomia, que se espalha rapidamente, exigirá conhecimento cada vez mais vasto e aprofundado da realidade” (Ext2-Editor-2011).

Perfil do público	O site Outras Palavras tem procurado dialogar com um público que não corresponde exatamente à noção tradicional de ‘esquerda’. Compartilhamos com esta a luta por uma sociedade mais justa e a crítica às desigualdades produzidas pela lógica de acumulação infinita do capital. Mas pensamos que a busca de alternativas precisa sondar caminhos não visíveis nos séculos passados.
Eixo participativo (I)	(...) A partir de uma provocação inicial, um conjunto de leitores pode aportar contribuições sobre aspectos positivos, críticas, alternativas. Elas serão sistematizadas de tempos em tempos, em novas versões do post inicial. A obra permanecerá aberta. Com base nas informações trazidas pela rede, podem surgir diferentes pontos de vista. Também por meio dos comentários, os leitores poderão sugerir temas novos – que, eventualmente, se converterão, em posts abertos à colaboração dos leitores.
Eixo colaborativo (II)	o blog coletivo (...) quer montar um grupo de colaboradores regulares. Em nossa fórmula, eles serão estimulados a acompanhar temas nacionais e internacionais relevantes. (...) Os <i>colaboradores regulares</i> deverão apresentar (via site, num formulário muito sintético, disponível nos próximos dias) um tema e um projeto sintético de cobertura. A própria redação proporá um primeiro elenco de assuntos que <i>Outras Palavras</i> gostaria de seguir. O site oferecerá (...) alguns instrumentos que pode qualificar a colaboração..
Eixo colaborativo incentivado (III)	... graças ao Ponto de Cultura, podemos oferecer a um grupo de colaboradores incentivados, uma ajuda de custo quase-simbólica, vinculada ao cumprimento um plano básico de pesquisa e publicação: R\$ 300 mensais, durante três meses. (...) Para candidatar-se à colaboração incentivada bastará enviar o mesmo projeto de cobertura que pedimos aos colaboradores regulares.

Quadro 1 – Chamada para participação e/ou colaboração
Fonte: dados extraídos do corpus da pesquisa

Numa segunda fase, o *crowdsourcer* faz uma convocação que pode ser ampla (a um público indiferenciado), ou estreita (por exemplo, a estudantes universitários). Essa chamada consiste num convite (não um contrato) ao público para participar da solução de problemas, e fornece um conjunto de regras ou expectativas àqueles que respondem à chamada (WEXLER, 2011). Em 2011, o OP publica proposta de ampliação do projeto editorial do site, no formato de blog coletivo, mais voltada à participação dos leitores e construção de grupo de colaboradores, conforme Quadro 1. O editor publica, ainda, matérias que

discutem a visão do site acerca do jornalismo participativo, e o modo como a participação na *internet* reconfigura, rompe ou entra em conflito com o jornalismo das mídias tradicionais.

Junto à chamada, o OP divulga seminários e oficinas sobre web 2.0 com os possíveis colaboradores, para debate e apresentação da *internet* como ferramenta de pesquisa jornalística, o que exemplifica os recursos do *crowdsourcer* voltados a potencializar a capacidade do público convocado. O site pretende desconstruir o discurso que vincula a um oligopólio de empresas a condição de “narradoras exclusivas de nosso presente” (Ext3-Editor-2011). O papel de “examinar e relatar realidades sociais complexas, de modo compreensível e atraente, no tempo em que ainda é possível *interferir* sobre o desfecho dos acontecimentos” (*idem*) deve ser exercido por outros atores numa lógica de comunicação compartilhada.

5 CROWDSOURCING: MAPEAMENTO DE INPUTS

Conforme apontamos, a lógica da convocação no OP está muito ligada à motivação e crença do público no potencial de transformação social associado à comunicação compartilhada. Os benefícios visados pelo público podem variar – de intrínsecos a extrínsecos -, mas em geral o processo de *crowdsourcing* é abordado pela perspectiva de ganha-ganha entre os envolvidos (WEXLER, 2011).

O *crowdsourcer* recebe e reúne contribuições do público, sendo que no blog coletivo do OP, de 02 de janeiro a 17 de dezembro de 2012 foram registradas 189 postagens (incluindo matérias), feitas por: editor, colaboradores (ou blogueiros), equipe da redação (composta, conforme dados do site por 04 membros), e contribuições de externos. Além de textos, que constituem o principal *tipo de material* postado (83% das contribuições), outros tipos de materiais foram publicados, entre eles: vídeos (7,4%), charges (2,6%), coberturas fotográficas (1,1%), e divulgação de eventos (4,8%).

Foi pesquisada a incidência de matérias de acordo com 23 categorias temáticas, observando-se a coerência com a linha editorial do site, à medida que se enfatizam matérias sobre: Poder e Política; Economia e Política econômica; Cultura; Movimentos, resistência e mobilização coletiva; e Comunicação. No

decorrer da análise, foram geradas 132 subcategorias temáticas, que descrevem os assuntos do conteúdo postado, sendo os mais abordados estes: crise econômica; exploração capitalista e seus efeitos; consumo; especulação imobiliária; cultura da periferia; produção cultural; manifestações artístico-culturais; violação de direitos; repressão policial; transporte público; mídia/ informação e conhecimento; jornalismo crítico; Governo, regulação e fiscalização; reapropriação do espaço público; ciberativismo, entre outros.

Apesar da quantidade expressiva de comentários (838 em 2012), identificamos poucas sugestões dos leitores para novos temas, limitando-se estas a: medidas de inclusão do Povo Cigano, detalhamento sobre o funcionamento das cooperativas de saúde, discussões sobre o Projeto de Lei Complementar (PLP) 549/2009; em geral, o que se identifica é a expectativa dos leitores pelo aprofundamento de temas.

A seguir, procuramos destacar demandas apresentadas nas postagens e comentários, sem a pretensão de exauri-las, mas sim apontar futuros percursos investigativos.

6 DEMANDAS E REIVINDICAÇÕES

Uma demanda social pode emergir do pedido de um grupo ou indivíduo que, uma vez não satisfeito, pode evoluir para uma reivindicação; a articulação entre demandas isoladas pode ser identificada à medida que, permanecendo insatisfeitas, se revele a inabilidade crescente do sistema institucional de absorvê-las (LACLAU, 2005). A ‘reapropriação do espaço público pela coletividade’ poderia, por exemplo, favorecer a formação de uma demanda popular, tornando-se bandeira de um grande grupo.

Mais da metade (57%) das fontes destacam a temática da Cultura. Além de alguma expectativa por ampliação no financiamento da cultura, visando diversidade cultural, as fontes destacam a crítica à marginalização da produção cultural oriunda da periferia. Demanda-se a valorização da cultura da periferia (a exemplo da Literatura Marginal) no espaço público, bem como no espaço digital (a exemplo da web-arte), em especial no contexto da capital São Paulo. As reivindicações na esfera da Cultura são fortalecidas pela divulgação de eventos (e.g., Mostra Estéticas das Periferias), bem como mobilização do público (e.g.,

smart mob – protesto poético – na Praça da Sé, SP). Nas fontes que abordam aspectos pertencentes à Informação e Comunicação (37%), identifica-se a crítica ao modelo neoliberal focado no corte de recursos públicos (e.g., corte de subsídio a jornais não comerciais) com conseqüente prejuízo à cultura e liberdade de expressão. A denúncia acerca de uma mídia comercial enviesada por compromissos ideológico-partidários com grupos hegemônicos é incorporada a uma reivindicação por jornalismo crítico e independente, pautado na reflexão aprofundada sobre os fatos. Destaca-se, ainda, petição por democratização do uso da *internet*, bem como a liberdade de expressão no ambiente virtual.

Quanto à Mobilidade (20% das postagens), reivindicações isoladas insatisfeitas são apresentadas por diferentes sujeitos: usuários de metrô e ônibus, ciclistas, (ex-) usuários da malha ferroviária, motoboys etc. A ditadura do automóvel é denunciada, e posta em discussão a partir de vários eixos – qualidade de vida e saúde da população, respeito ao meio ambiente, investimentos públicos que priorizem o transporte coletivo (*versus* particular), e inclusão social – reivindicando-se políticas em favor do transporte público de qualidade, bem como de estímulo ao uso da bicicleta (ciclovias, respeito ao ciclista etc.).

A distribuição diferencial da mobilidade enquanto recurso estratégico da vida contemporânea produz diferenças que são alvo de insatisfação para diversos sujeitos. Na tentativa de construção de uma visão ampliada e crítica a respeito dos desafios da mobilidade urbana, diversos eixos argumentativos podem ser identificados nas matérias e em comentários de leitores, incluindo desde alternativas de reabilitação da malha ferroviária brasileira, expansão das linhas de metrô, VLT (veículo leve sobre trilhos) e ciclovias, à não aquisição de carros. No caso da imigração, além da própria necessidade de definição e/ou ajuste da política imigratória (a presença de minorias étnicas em território brasileiro), ressalta-se o desafio de lidar com possíveis movimentos xenófobos.

Na temática de Cidades (12% das fontes), é possível identificar uma visão crítica acerca da lógica do empreendedorismo urbano que enfatiza os interesses do capital em detrimento dos interesses dos cidadãos. Observa-se o incentivo à proposição de alternativas à especulação imobiliária, em prol de novas formas de sociabilidade e ocupação da cidade. Em questões de Violência e Segurança (26% das fontes), observamos a crítica ao despreparo e abuso de autoridade por parte da Polícia, em especial a PM-SP, em diferentes situações.

Um colaborador/blogueiro, oriundo da periferia, publica em sua postagem:

“Quando ouvi o Racionais cantarem em uma música: ‘Não confio na polícia, raça do c.....’, me senti ótimo. Aquela frase dava voz ao que sempre quisemos falar quando víamos os nossos sofrendo na mão deles. Era a representação exata do clichê ‘lavamos a alma’; era algo que me dava forças, me sentia representado. (...) A polícia não passa de uma instituição que serve para proteger patrimônios e burgueses. São, sim, capitães do mato, capatazes de uma elite que acha que governa nossas cidades. É lamentável pagarmos impostos e como recompensa recebermos esse tipo de tratamento” [Post302-29-05-12]

As críticas a excesso de gastos militares e às ciberguerras, a denúncia da promiscuidade da relação entre indústria armamentista, comando militar e poder político, bem como reivindicações por paz, desmilitarização e combate ao racismo, foram também aspectos identificados no conteúdo.

A Economia enquanto temática permeia quase todas as postagens, por ser transversal, mas é enfatizada em cerca de 60% das postagens, com crítica recorrente à exploração capitalista e ao modelo neoliberal de Estado focado no corte de recursos públicos, e discussões em torno dos efeitos da crise econômica europeia sobre o Brasil. Destacam-se, ainda, pedidos de apoio via *crowdfunding*; outras demandas incluíram a proteção à cultura indígena, resolução de conflitos de terras envolvendo diferentes grupos indígenas (como os Guaranis-kaiwoá), bem como resistência contra expulsão violenta de indígenas (Tupinambás) de suas terras, em paralelo à crítica ao autoritarismo do Estado e suas práticas discriminatórias contra as minorias étnicas. Além do fortalecimento da agroecologia (*versus* agronegócio hegemônico), a preservação ambiental, em especial a biodiversidade das florestas, também é discutida; o site OP se engaja em mutirão de informação e ativismo (*Hack Day*), em defesa dos ecossistemas; destaca-se ainda a defesa da autonomia intelectual da Universidade na perspectiva da Universidade laica.

Diversos sujeitos estão implicados no vasto espectro de demandas apontadas pelo *corpus*, com posicionamentos distintos. Os sujeitos das ‘quebradas’ (ou periferia da cidade); policiais; grupos de especulação do mercado imobiliário; Governo estadual (ênfase em SP); Governo Federal; os ciclistas; artistas; ONU (Organização das Nações Unidas) e Comissões de Direitos Humanos; es-

tudantes; os grupos indígenas; os partidos políticos, entre outros, são apontados nos diferentes fatos nacionais e internacionais contemplados nos materiais empíricos. Não nos compete aqui dar conta da discussão em torno da agência desses sujeitos e da prática articulatória que envolve suas respectivas demandas, mas corroborar com a visão (ver LACLAU, 2008) de que a proliferação recente de novas formas de luta exige que se considere a perspectiva teórica do sujeito como agente descentralizado.

7 CROWDSOURCING: CARACTERIZAÇÃO DOS INPUTS

7.1 Eixo participativo

Nesta seção, abordaremos o jornalismo participativo por meio da caracterização das contribuições de leitores no campo de Comentários do blog coletivo, em especial o modo como estes se somam às matérias e postagens formando um conjunto novo que amplia a compreensão do fenômeno em pauta. Durante 2012, foram registrados 838 comentários feitos por leitores, a partir dos quais se registraram 123 respostas (*feedback*) dos produtores dos materiais; 22 postagens não receberam comentários. A identificação dos aspectos positivos (79 referências) entre os comentários de leitores reforça a perspectiva de compreensão acerca da proposta do blog coletivo, em especial a de engajamento e formação de jornalistas/comunicadores críticos, conforme ilustrado nos trechos a seguir:

“O assunto é bastante atual. Objetiva e clara a reportagem. Parabéns” [Post223-10-01-12]

“A reportagem está realmente excelente! Oferece oportunidade de conhecer o assunto de forma sucinta mas abrangente. E ainda instiga a buscar mais informações. Muito bom!! Parabéns. Voce está a cada dia escrevendo melhor. Abraços.” [Post223-10-01-12]

“Você soube sintetizar de maneira extraordinária o caos urbano em que foram transformadas as nossas cidades pela ditadura do complexo industrial automobilístico.” [Post253-02-03-12]

Além disso, as referências positivas às matérias revelam a identificação entre leitores e a alternativa de cultura política proposta pelo site, bem como demonstração de apoio e/ou engajamento diante de demandas apresentadas, conforme observamos em comentários de leitores a matérias publicadas pelo editor:

“A matéria é muito boa devemos continuar denunciando o poder do capital financeiro e criar uma nova proposta de sociedade.” [Post217-04-01-12]

“Parabéns pela cobertura. Força para continuarem!” [Post240-25-01-12]

“Muita boa esta tomada de posição”. [Post354-30-08-12, divulgando mutirão de informação e ativismo – Hack Day – que seria realizado na redação do Outras Palavras]

Mesmo com a proposta de constituir um espaço experimental para as possibilidades das novas mídias, e do site não fazer edição obrigatória das matérias do blog coletivo, diversas referências negativas (16) feitas pelos leitores apontam falhas ligadas a aspectos da prática jornalística. Estes apontamentos podem representar, no processo de avaliação dos inputs pelo *crowdsourcer*, filtros (WEXLER, 2011) à medida que os próprios leitores assumem também o papel de *gatewatcher* ou ‘jornalista-vigia’ (BRUNS, 2003):

“Tradução completamente equivocada. (...) Sugiro revisão”. [Post-306-11-06-12]

“Prezados Srs. A foto acima está errada”. [Post-291-02-05-12]

“Considero leviano e preconceituoso o uso das palavras racismo e Alemanha na mesma frase, pois dá margem a se interpretar que torcedores daquele país tiveram atitudes racistas durante o jogo, o que, de modo algum aconteceu” [Post-313-30-06-12]

“Pelo que vi, você é estudante de jornalismo, mas pelo teu texto não

percebi elementos concretos que me levassem a crer que você tenha feito um trabalho melhor de pesquisa que seus ‘futuros’ colegas da Globo. Vou pontuar algumas xplo para reflexão” [Post324-20-07-12]

“Nesse meio, não há espaço para conclusões simplistas e reducionistas. Tenhamos mais cuidado com nossas reportagens e consultemos os dois lados. Isso é democracia midiática!” [Post326-07-12]

Além de abordar aspectos negativos e positivos, sugestão de novos temas e/ou aprofundamento de assuntos, outra caracterização identificada no eixo participativo envolve, por parte do leitor, a expressão de um olhar crítico em relação ao assunto posto:

“esta prática política de ataques ao serviço público explica em parte porque a sexta economia do mundo detém índices de qualidade de vida tão baixos em saúde, educação, segurança pública e etc...” [Post215-02-01-12]

“O Brasil foi feito – desde as capitâneas hereditárias – para delícia da oligarquia que quer as coisas exatamente como sempre foram: madeiros, bandeirantes, cacacueiros, açucareiros, cafeeiros, coronéis, usineiros. Hoje são banqueiros, juizes, doutores, politicos, globalmente afinados e de braço dado com a banca mundial e outros sacanas. Compraram tudo, estradas, saúde, telefone, armamento, indústria, mídia, meteram-se em tudo que possa ser vendido e dar lucro, da comida à mina que arranca perna de gente incauta” [Post217-04-01-12]

Identifica-se também a manifestação de apoio e/ou participação efetiva, por parte do leitor, conforme exemplificado abaixo:

“Deixo aqui meu apoio e solidariedade ao povo de Pinheirinho! O que aconteceu foi um ato selvagem e desumano de estado que está a serviço da Burguesia em prol de um projeto desenvolvimentista que só visa lucro e xploração. (...) Sou o Ivande. Do MST. E quero ajudar os trabalhadores em tudo e que for preciso (...)”. [Post-247-24-02-12]

A participação no blog está vinculada, ainda, aos componentes ideológicos dos leitores, os quais com posicionamentos distintos revelam conflitos de interesse e divergência de pontos de vista acerca dos assuntos abordados, conforme ilustrado no Quadro 2.

Post-253-02-03-12: Mobilidade urbana, e crítica à ditadura do automóvel	
L: “Só de ler o texto, dá para perceber que o autor é esquerdista. E por que? Porque ele se acha não apenas dono de todas as respostas, como ainda se acha o porta-voz dos desejos do ‘resto’ do povo. DANEM-SE os desejos e aspirações individuais, certo?... Pois eu prefiro o conforto e a praticidade INCOMPARÁVEL do automóvel.” [Post253-02-03-12]	L: “A sociedade liberal-individualista cria no Terceiro Mundo justamente aquilo que deveria combater. Enquanto milhões de pessoas são obrigadas a pegar ônibus ou trem sem ar-condicionado, ouvindo músicas que não querem e convivendo com o cheiro dos outros, apenas uma parte da população tem a possibilidade de andar de carro com todo o conforto possível. Isto é, a sociedade de mercado cria privilégios que acabam com os direitos civis. Quando alguém defende que o direito das majorias é negado, aí aparece um defensor da liberdade para combater as “ideias ditatoriais de esquerda”.
Post-223-10-01-12: Discute a necessidade de se adotar políticas diferenciadas diante do crescente fluxo de estrangeiros que chegam em busca de trabalho	
L: “O ministério da justiça tem que tomar cuidado com estes imigrantes, deve ser feita uma avaliação caso a caso para não abrigar aqui um bando de vagabundos”.	L: “É um absurdo o Estado ter que selecionar quem entra ou não no país. (...) Países da União Européia, como França e Itália, fazem uso dessa ideia perversa de que os imigrantes são va[ga]bundos; entram no país para roubar empregos e serão potenciais causadores de problemas sociais. Lamentável”.

Quadro 2 – Trechos exemplificando divergências entre leitores (L)
Fonte: dados extraídos do corpus da pesquisa

A perspectiva da participação na *web* sustenta que, a partir de princípios de igualdade, a contribuição de cada pessoa deve agregar valor à troca de conhecimento. Neste sentido, o *crowdsourcing* no blog coletivo, além do engajamento na crítica, caracteriza-se pela construção de conhecimento/ entendimento do fenômeno problematizado. Isto se dá não apenas pela expressão de ideias nos comentários, mas indicação de links, textos correlatos e vídeos. A inteligência coletiva, enquanto um campo aberto de problemas e pesquisas práticas, é direcionada ao ideal do coletivo inteligente, sendo que os participantes reconhecem que o melhor uso do ciberespaço consiste em “colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele” (LÉVY, 1999, p.133).

No contexto do caso analisado a problematização dos fenômenos toma como pressuposto uma nova cultura política, esta baseada na superação da lógica convencional de democracia representativa, que transfere a instituições ou partidos políticos a transformação das relações sociais. Em torno de uma nova cultura política, que procura ‘reinventar a democracia’ é que são propostas no ambiente virtual ideias e conteúdos ligados ao ‘pós-capitalismo’. Observamos que o assunto posto, apesar de revelar algumas formas concretas (apontadas e exemplificadas no site como os Fóruns Sociais, e comunidades de *software livre*), permanece controverso, indefinido, em construção. A mobilização para resistência e luta em prol de novas relações sociais ocorre, assim, mesmo no contexto do capitalismo, mas com potencial para ressignificação ainda a ser explorado.

7.2 Eixo colaborativo

O jornalismo colaborativo (quando mais de uma pessoa contribui para o resultado final do que é publicado) difere do jornalismo código aberto, que remete a um estilo de jornalismo feito em sites *wiki*, e que permitem a qualquer internauta alterar o conteúdo de uma página (FOSCHINI; TADDEI, 2006). No *OP*, a colaboração para o blog coletivo pode se dar via colaboração regular (acompanhamento de temas relevantes, e submissão de projetos de cobertura a partir de instrumentos de visam qualificar a colaboração, e participam de reuniões de pauta) ou colaboração incentivada, que oferecia ao colaborador uma ajuda de custo (R\$ 300 mensais, por três meses) com cumprimento de plano básico de pesquisa e publicação.

Identificamos uma chamada aberta para construção de uma reportagem colaborativa. Em 9 de abril, a equipe da Redação do blog divulga (Post-277) que prepara uma grande reportagem sobre transportes metropolitanos em São Paulo, e solicita aos leitores que colaborem com informações, conforme Quadro 3.

Post-277-09-04-12: “Um passo rumo ao jornalismo colaborativo”

... O Blog Coletivo Outras Palavras começa um experimento. Demos início a uma investigação jornalística que, em breve, culminará numa grande reportagem sobre os transportes metropolitanos em São Paulo. A publicação do resultado final, porém, levará algum tempo. Para amenizar a demora, faremos algo inédito por aqui: disponibilizaremos, em rápidas postagens informativas, cada passo da apuração. A experiência funcionará melhor se nossos leitores e leitoras aceitarem firmar um pacto. Vocês devem saber de antemão que o conteúdo dos pequenos textos que iremos publicar neste espaço não estarão completos e acabados. Serão pedaços de informação e pontos de vista que, pouco a pouco, por meio de pesquisas e entrevistas, iremos acumulando. Juntos, mais tarde, formarão uma narrativa. Por enquanto, devem ser consideradas peças soltas de um quebra-cabeças em construção. Isso é diferente do que sempre fizemos. Até agora, esses fragmentos de reportagem ficavam guardados em nossos gravadores ou cadernos de anotações. Ou seja, estavam escondidos do público. O experimento é lançar o conteúdo na rede à medida que for sendo caçado pelas nossas investigações. A vantagem disso? Criar espaços de colaboração com os leitores e leitoras durante o processo — e não apenas quando a reportagem já estiver finalizada. O espaço para comentários está à disposição. Aceita palpites, críticas, sugestões e indicações. Todos e todas podem participar. Aliás, devem. Se vocês souberem de uma pessoa interessante para ser entrevistada sobre, por exemplo, as inovações tecnológicas do Metrô ou um banco de dados sobre o número e a natureza dos acidentes na Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), não hesitem em dizer-nos. Se você tem informações relevantes para a reportagem, avise-nos. Se acha que estamos indo por um caminho irrelevante, puxe nossa orelha. Estórias, relatos e causos também são bem-vindos. Assim, poderemos utilizar a inteligência coletiva que só a internet propicia para complementar nossa produção jornalística. Por que não? É um teste. Estamos ansiosos para ver os resultados — e esperançosos para que funcione. Nossa parte já estamos fazendo. E começamos pelo trem. Esperamos sua participação.

Quadro 3 – Chamada aberta para construção de reportagem colaborativa
Fonte: dados extraídos do corpus da pesquisa

Tendo em vista a proposição temática inicial – e focada no transporte ferroviários, entre os 05 comentários à chamada, o SINFERP (Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias em Transporte de Passageiros da Zona Sorocabana) publica: “Bem, editorialistas e jornalistas de Outras Palavras sabem que podem contar com nosso apoio e ajuda no que se fizer necessário, em especial em transporte de pessoas sobre trilhos”. Em seguida, no dia 11 de abril, é publicada a primeira parte da reportagem colaborativa (Post-280: “Investigando o caos ferroviário paulista”), que enfatiza as falhas de funcionamento na Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, e divulga entrevista feita com Rogério Centofanti, consultor do SINFERP, e blogueiro do *São Paulo TREM Jeito*:

“Os problemas da CPTM não são pontuais: são sistêmicos.’ É o que me diz Rogério Centofanti, consultor do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias em Transporte de Passageiros da Zona Sorocabana (Sinferp), quando nos encontramos num restaurante do Centro de São Paulo para conversar sobre as recentes falhas de funcionamento na Companhia Paulista de Trens Metropolitanos”.

Em 24 de abril, outra parte da reportagem é publicada (Post-282), uma contribuição externa, do próprio consultor do SINFERP: “A incrível hipótese do *Jihad* ferroviário – Para membros do governo paulista e CPTM, trabalhadores que morreram em acidentes de trem podem ter praticado ‘sabotagem’”.

Um aspecto importante consiste, na visão de Wexler (2011), na aplicação de filtros pelo *crowdsourcer*, voltada à adequada avaliação do fluxo de *inputs*, separando-se o ‘valioso’ do ‘sem valor’. Numa primeira estratégia, esses *inputs* são vistos por todos e, em seguida, o próprio público (ou ‘multidão’) faria uma espécie de *ranking* para aprender com os melhores. Esta estratégia se baseia na confiança sobre a capacidade de aprendizagem da multidão. As melhores contribuições seriam usadas como base para edição e melhoramento. Uma segunda estratégia consiste em centralizar o conjunto de *inputs*, sendo que o *crowdsourcer* faria a avaliação desse conjunto considerando os critérios especificados na chamada inicial, ou por meio de um conjunto de especialistas (por exemplo, a equipe de Redação do site).

Conforme fica ilustrado na chamada para colaboração, evidencia-se uma mudança em direção à estratégia de aplicação dos filtros pelo próprio público participante: “Até agora, esses fragmentos de reportagem ficavam guardados em nossos gravadores ou cadernos de anotações. Ou seja, estavam escondidos do público” (Post-277). Fonseca e Lindemann (2007) afirmam que estudos sobre o *gatekeeper*, o qual enfatiza a função de mediação dos jornalistas, evidenciam que as decisões de selecionadores de notícias são em geral influenciadas por critérios profissionais ligados às rotinas de produção, a exemplo dos fatores de maior noticiabilidade, escassez de espaço, repetições, baixa qualidade do material, interesses publicitários, entre outros. No caso do webjornalismo participativo, por sua vez, as autoras ressaltam uma mudança significativa, considerando a irrelevância da questão espacial, e a ideia de que ‘cidadãos-repórteres’ não teriam cautela jornalística ou comercial excessiva com o material que publicam.

Se a função de mediação (*gatekeeper*) pode ser assumida pelo cidadão comum, ao jornalista caberia a responsabilidade pela aplicação dos filtros, isto é, filtrar o conteúdo disponível na rede ou enviado por colaboradores, uma função do *gatewatcher* ou ‘jornalista-vigia’ (BRUNS, 2003). O valor agregado aí estaria não apenas em filtrar a informação, mas de republicá-la em um contexto específico, dependendo dos interesses do público do site (FONSECA; LINDEMANN, 2007).

Um aspecto final do processo de *crowdsourcing* diz respeito à decisão, pelo *crowdsourcer*, sobre como oferecer o *feedback* àqueles atraídos pela chamada (WEXLER, 2011). Apesar de outras postagens a respeito da temática da Mobilidade urbana, no período analisado não se identifica, entre os materiais empíricos, a reportagem conclusiva a respeito dos transportes metropolitanos em São Paulo, nem tampouco a indicação de perspectiva de finalização desse projeto ou ‘experimento’. No entanto, uma vez que a natureza de um projeto de *crowdsourcing* no âmbito do jornalismo colaborativo pressupõe início, meio e fim, e benefícios mútuos, o modo pelo qual *crowdsourcer* e *crowd* mantem contato no decorrer do tempo pode favorecer uma lealdade que alimentará futuros trabalhos em conjunto.

8 CONCLUSÕES

Este artigo teve como finalidade a descrição e maior compreensão do processo de *crowdsourcing* no âmbito de blogs coletivos. Quanto às demandas e reivindicações apresentadas nas postagens analisadas, observamos, em especial: jornalismo crítico e independente; valorização da cultura da periferia; democratização da *internet*; desmilitarização; política de mobilidade urbana sustentável; garantia de terras indígenas; autonomia intelectual da Universidade; fortalecimento do *crowdfunding*; preservação das florestas e biodiversidade; consumo responsável, entre outras.

O eixo participativo enfatizou o modo como os comentários de leitores ampliavam, a partir das matérias e postagens, a compreensão do fenômeno em pauta. Foi possível identificar no blog coletivo aspectos de inclusividade, não coerção e, em menor grau, reciprocidade, que lhe conferem potencial para constituir e promover espaço de debate entre múltiplos atores, sobretudo a respeito da interface Poder e Política e seus variados aspectos.

A caracterização da participação no *crowdsourcing* incluiu: (1) apoio à perspectiva formação de jornalistas/comunicadores críticos; (2) uma identificação com a alternativa de cultura política proposta pelo site; (3) demonstração de concordância e/ou apoio diante das demandas apresentadas; (4) apontamento de falhas ligadas a diferentes aspectos da prática jornalística; (5) sugestão de novos temas e/ou aprofundamento de assuntos; (6) expressão de um olhar crí-

tico em relação ao assunto posto; (7) manifestação de apoio e/ou participação efetiva diante de convites; (8) conflitos de interesse e divergência de pontos de vista acerca dos assuntos abordados; (9) busca pelo entendimento do fenômeno; e (10) problematização/ construção de conhecimento acerca do fenômeno.

Por outro lado, as iniciativas no eixo colaborativo (quando mais de uma pessoa contribui para o resultado final do que é publicado) ainda são tímidas, tendo sido pouco explorado pelo blog coletivo. O que se destaca na caracterização da colaboração é a mudança em direção a uma estratégia de aplicação de filtros pelo próprio público participante (ao invés da equipe da redação), o que amplia à ‘multidão’ não apenas um papel de mediação (*gatekeeper*), mas também um papel avaliativo (*gatewatcher*). Fica claro o desafio de promover a comunicação compartilhada em associação à nova cultura política, isto é, a participação efetiva da ‘multidão inteligente’ na construção de um debate crítico acerca do pós-capitalismo.

No que diz respeito à infinidade de dados sobre fatos nacionais e internacionais, foi possível reforçar a noção de que o papel do jornalismo crítico não consiste em organizar o universo infinito e em permanente expansão de dados e informações, mas sim reunir, organizar e contextualizar, de modo a oferecer narrativas direcionadas à sensibilização e diálogo com públicos específicos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70, LDA.

BOON, M. (2010). *In Praise of Copying*. Cambridge, Massachusetts / London, England: Harvard University Press.

BRITTO, R. R. (2009). *Cibercultura: Sob o olhar dos Estudos Culturais*. São Paulo: Paulinas.

BRUNS, A. (2003) Gatewatching, not gatekeeping: collaborative online news. *Media International Australia*, n. 107, pp. 31-44. Disponível em: http://eprints.qut.edu.au/189/1/Bruns_Gatewatching.PDF Acesso em: 17 jul.2013.

CASTELLS, M. (2011). Castells propõe outra democracia. *Outras Palavras*. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/07/18/castells-propoe-outra-democracia/> >. Acesso em: 28 fev. 2012.

_____. (2006). A era da intercomunicação. *Le Monde Diplomatique/Brasil*, Agosto. Disponível em: < <http://diplo.org.br/2006-08,a1379> >. Acesso em: 28 fev.2012.

COCCO, G. (2012). Trabalho sem obra, obra sem autor: a constituição do comum. In: TARIN,

- Bruno e BELISÁRIO, Adriano (orgs). *Copyfight: pirataria e cultura livre*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue.
- FONSECA, V.; LINDEMANN, C. (2007). Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 34, dez.
- FOSCHINI, A.C. TADDEI, R.R. (2006). *Jornalismo Cidadão: Você faz a notícia*. Editora: Overmundo.
- HOWE, J. (2009). *Crowdsourcing: why the power of the crowd is driving the future of business*, Nova Iorque: Three River Press.
- KEEN, A. (2009). *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACLAU, E. (2005). *On populist reason*. London: Verso.
- _____. (1983). New social movements and the plurality of the social. CEDLA, Class 29, The new movements and the State in Latino America. Disponível em: [http://www.cedla.uva.nl/50_publications/pdf/OnlineArchive/29NewSocialMovements/pp-27-42\(Laclau\).pdf](http://www.cedla.uva.nl/50_publications/pdf/OnlineArchive/29NewSocialMovements/pp-27-42(Laclau).pdf) Acesso em: 15 jun 2013.
- LEMOS, A. (2004) Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. *Razon y Palabra*, N. 41. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html>>. Acesso em 17 jul. 2012.
- LESSIG, L. *Cultura Livre: como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade*. São Paulo: Trama, 2005.
- LÉVY, P. (2004). *Inteligencia colectiva: por una antropología del ciberespacio*. Washington, DC: Organización Panamericana de la Salud, 2004.
- _____. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- MARTINS, B. C. (2012). Repensando a autoria na Era das redes. In: TARIN, B.; BELISÁRIO, A. (orgs). *Copyfight: pirataria e cultura livre*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2012.
- MARTINS, A. (2007). Muito além de Gutenberg. *Le Monde Diplomatique/Brasil*, Outubro. Disponível em: < <http://diplo.org.br/imprima1975> >. Acesso em: 01 mar. 2012.
- MOREIRA, S. V. (2012). Por que Geografias, no plural, para a Comunicação? In: *Geografias da comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas*. São Paulo: INTERCOM, 2012. Disponível em <http://www.intercom.org.br/e-book/colecao-gps-3.pdf>. Acesso em: 02 abril 2013.
- MURILLO, L. R. (2009). *Tecnologia, política e cultura na comunidade brasileira de software livre e código aberto*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (Dissertação de Mestrado).
- PASQUINELLI, M. (2008). A ideologia da Cultura Livre e a gramática da sabotagem. Amsterdam. In: TARIN, Bruno e BELISÁRIO, Adriano (orgs). *Copyfight: pirataria e cultura livre*. Rio de Janeiro : Beco do Azogue, 2012.

SARDINHA, A.B. (2000). Corpus linguistics: history and problematization. *DELTA*, v.16, n.2, p.323-367.

SOUSA, P. V. B. de. (2012). Cartografia 2.0: Pensando o Mapeamento Participativo na Internet. In: MOREIRA, S. V. (org). *Geografias da comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas*. São Paulo: INTERCOM, 2012. Disponível em <http://www.intercom.org.br/e-book/colecao-gps-3.pdf>. Acesso em: 02 abril 2013.

STAKE, R. E. (1994). Case studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp.236-247). Thousand Oaks: Sage Publications.

WEXLER, M.N. (2011). Reconfiguring the sociology of the crowd: exploring crowdsourcing. *International Journal of Sociology and Social Policy*. Vol. 31 No. 1/2, p. 6-20.

RECEBIDO EM: 15/10/2013

ACEITO PARA PUBLICAÇÃO: 25/11/2013

Adriana Tenório Cordeiro

Mestre em Administração pelo PROPAD/ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Bacharel em Administração pela UFPE. Atualmente é Professora Assistente da Universidade de Pernambuco (UPE).

Paula Gonçalves da Silva

Mestre em Administração pelo PROPAD/ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Bacharel em Administração pela UFPE. Atualmente é Professora Assistente da Universidade de Pernambuco (UPE).

Sérgio Carvalho Benício de Mello

Doutor pela City University London (Cass Business School). Professor Associado do Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Yasmin Silva Gomes

Graduanda em Administração na Universidade de Pernambuco (UPE).